

Bairro continua simples com buracos,  
falta de esgotos e lixo espalhado pelas ruas.

## Boca do Rio desafia a valorização da orla

### Restaurante ganha fama e atrai muitos turistas

Com uma tradição de 15 anos, o Restaurante Panelinha é uma das grandes atrações do Boca do Rio. Conhecida em Salvador e já com fama internacional — visto que os turistas estrangeiros que pintam saem sempre deslumbrados e falando bem —, a casa ganhou recentemente o selo "Recomendado" da Empresa Municipal de Turismo de Salvador. (Emtursa), que equivale a uma classificação "cinco estrelas" para restaurantes, não só pelas suas amplas e confortáveis instalações mas também pelo excelente serviço que oferece.

Pela frente da casa localizada na rua Hélio Machado, 6, bem no "centro" do bairro, de fachada simples e estreita, não se pode imaginar o ambiente agradável de dentro: além da amplitude do local é todo decorado com painéis de cimento, com motivos do mar, feitos por um artista plástico da área, e objetos típicos do Nordeste brasileiro, com mesas, cadeiras e mobiliário rústico, tudo muito bem conservado e de bom gosto. O cardápio também não fica atrás — uma grande variedade de comidas baianas/ frutos do mar e ainda inigualáveis feijoadas, carnes do sol e outras guloseimas nordestinas.

O Panelinha foi a primeira atração da Boca do Rio, em termo de opção gastronômica. A proprietária Nete Dória se recorda de quando começou, justamente com uma irmã, o pai e a mãe — que até hoje formam a equipe de administração —, "como uma alterna-

tiva econômica para a família". Na época, não havia asfalto nem calçamento nas ruas, que eram quase um brejo, cheias de poças de lama. Como a população do bairro não tinha poder aquisitivo para frequentar o lugar, o restaurante trouxe para o trecho gente do "centro" (Barra, Graça, Pituba), amigos e conhecidos de Nete, que era então representante de produtos farmacêuticos.

E assim a tradição foi-se firmando, com uma clientela "de nível", conforme assinala, mostrando-se orgulhosa com o sucesso do empreendimento. O prédio do restaurante — lembra — foi comprado na mão de invasores, os fundadores do bairro, onde a família também reside, bem ao lado do restaurante. Nete diz que gosta muito do local e, perguntada sobre a marginalidade que dizem campear por ali, salienta que nunca viu nada nesse sentido, "a não ser pelos jornais". "Vivemos em absoluta tranquilidade", garante.

Embora criada recentemente, a Galeria de Humor começa a se transformar em atração da Boca do Rio. Única no gênero do país, o novo espaço foi criado, basicamente, para exposição permanente dos principais chargistas da Bahia, entre os quais Lage (da TRIBUNA DA BAHIA), Zé Vieira, Setúbal e Cárcamo. Os donos da galeria, depois do sucesso que obtiveram na inauguração, estão bolando uma série de promoções para ser desencadeadas durante todo o verão.

Aloísio  
vive da  
barraca  
na praia



Naturalizado  
bocarrioense,  
Aloísio nem  
pensa em  
sair de lá

"Boca louca, boca outra, boca dura. Nem os peixes e tuninhas brincam mais na desembocadura". Os versos de saudade dos tempos de peixe abundante são do artista bocadorriense Aloísio de Souza Almeida, 39 anos, nascido no interior (Conceição do Almeida) mas já "naturalizado" na área. Ele foi um dos primeiros barraqueiros da badaladíssima Praia dos Artistas, onde chegou em 73, quando lá estavam apenas as barracas de dona Gisélia e dona Vadu, e o bairro era bem primitivo, com as ruas de chão batido. Sua barraca fez a tradição de ponto de encontro dos artistas e intelectuais que frequentavam a zona na época.

Poeta, artesão e fotógrafo, Aloísio optou por ser barraqueiro depois de trabalhar em cemitério, balcão, cobrança e de ser peão de obra e até marreiro mercante. "Descobri a praia e achei "que dava para me libertar dessa vida do dia-a-dia", diz, com a pele curtida de sol em contraste com os olhos verdes, mal-disfarçados sob o chapéu de palha de amplas abas, que compõe com a calça de algodão branca — seu único uniforme de trabalho, modelito "pescador". Ele se lembra de quando o local das atuais quadras

de esportes (do Projeto Orla) era mangue: "Mataram os caranguejos, guaiamuns e preás", dramatiza.

Ecológico, ele é um dos que está preocupado com a destruição das dunas e dos coqueirais e com a segurança dos moradores, dizendo que está faltando três passarelas (defronte do ponto de ônibus entre o Espaço Aloísio, de sua propriedade, e o Agdá; outra acima da sede do Esporte Clube Bahia e a última na fronteira Boca do Rio/Pituba), para evitar os constantes acidentes. Também se queixa de falta de iluminação nas quadras de esportes para o lazer noturno, para a grande população do bairro que, segundo ele, se ressentem também da falta de jardins arborizados.

Ele é um bocadorriense convicto e assegura que ali, na praia, as liberdades individuais estão garantidas. Talvez por isso, ainda hoje, o lugar seja o preferido da "vanguarda" cultural soteropolitana, que não resiste à delícia de sua "maracujowska" (batida de maracujá, a fruta verdadeira, com vodka), seu frango, peixe, e carne do sol e queijo Coalho na brasa. A barraca é sempre tão concorrida que às vezes falta para quem quer.

Afrontando a nobreza da orla de Salvador, cujas áreas são altamente valorizadas, em termos imobiliários um bairro se destaca pelo inusitado de suas características: a Boca do Rio, onde se perfilam casinhas simples e baixas entre os coqueirais das dunas a beira-mar, contrastando com as mansões e espigões de luxo, que estão tomando conta de todo o litoral da cidade. Tradicional reduto da *intelligentzia* baiana, a "Boca" — com o apelido — começou a se desenvolver com a invasão Bico de Ferro, formada pelo pessoal que estava no Jardim dos Namorados e que foi colocado na área entre Jardim Armação e Pituacu pela prefeitura, há cerca de 15 anos.

Na época, esses locais eram todos selvagens, como lembram os moradores mais antigos, salientando que apenas a "Boca" preserva ainda suas origens, sendo ocupada em boa parte por invasões (do Cajueiro, a mais antiga e maior; do Sapoti e do Barreiro) ou por pessoas de classe média, que foram chegando com o tempo, principalmente depois da construção do Conjunto Marback, na região oeste do bairro. Mais recentemente ainda, foi inaugurado o Conjunto Imbuí, entre as dunas e a avenida Paralela, onde se concentra a elite social do lugar, diluída ainda na rua Pinto de Aguiar, mas no centro da "Boca".

O perfil de um bairro litorâneo de classe média e baixa fica ainda mais original com o fato de que tão logo surgiu a primeira invasão, apareceu uma comunidade de artistas e intelectuais, que passaram a compor outro segmento de moradores com os estrangeiros que ocuparam o Alto



O bairro continua livre da invasão dos "espigões"

de São Francisco, sobre uma duna cheia de coqueiros, com vista para o mar. Muitas dessas áreas privilegiadas — inclusive o Alto do Cachundé, cujo acesso é pela Ladeira da Tranquilidade —, que formam a parte alta da Boca do Rio, ainda estão ocupadas por "invasões" no sentido estrito, já que praticamente todo o bairro foi literalmente invadido ao longo do tempo, tanto que a maioria dos lotes é irregular, motivo pelo qual a prefeitura montou um escritório de regularização dessas terras.

#### FALTA INFRA-ESTRUTURA

O rápido processo de expansão urbana — como no resto da cidade, provocou uma situação de sérias carências no bairro, que hoje apresenta problemas na sua precária rede sanitária construída num nível acima do da rua, o que faz acontecer com frequência entupimento da tubulação e a conseqüente enchente em diversas casas, quando chove principalmente na região central. A concentração de casas também já é grande com relação à escassa iluminação pública, conforme observa os moradores, defendendo a instalação de mais postes com lâmpadas pelas ruas.

Atualmente, a falta de iluminação chega a dar um ar "provinciano" ao bairro, que, à noite, mais parece um presépio de luzinhas fracas, das próprias casas.

O número de bocadorrienses também já justificou a pavimentação da maioria das ruas que ainda é de chão batido, conforme reivindicam os moradores, queixando-se ainda da falta de transportes, já que, se de dia a quantidade de ônibus e linhas já é insuficiente, à noite o bairro fica "ilhado". "Precisamos de linhas circulares entre a Boca do Rio e alguns bairros", diz o jornalista Alberto Sobral, 33 anos, que há quatro mora na rua Simões Filho. Ele ainda reclama da precariedade da coleta de lixo e da falta de uma agência bancária para atender ao pessoal do local. Outros moradores citam a falta de telefones públicos, de postos médicos (pois o setor de saúde é quase inexistente) e de escolas de segundo grau.

Se, por um lado, falta uma melhor infra-estrutura urbana, a Boca do Rio vem passando por um verdadeiro boom no setor comercial e de serviços, especialmente depois da ocupação da área do antigo "Currelino" (referência ao fato de ali ter sido o curral de uma fazenda), onde estão os Conjuntos Marback e Imbuí que dispõem de dois mini-shoppings (há um terceiro em construção), um supermercado Unimar e uma profusão de bares, quitandas, mercearias. No centro, há ruas inteiramente tomadas por padarias, farmácias, oficinas, açougues, dentistas, madeireiras, lojas de móveis, tintas e peças, borracharias, para não falar dos botequins (em cada quarteirão há um senão número) e barzinhos que também funcionam.